

ANTROPOFAGIA: AINDA UMA NECESSIDADE CULTURAL?

Adriana Girão Campiti

"(...) saudade é uma nostalgia mórbida
dos temperamentos esgotados e doentes...
a saudade prejudica a raça."
Almada Negreiros¹

José de Almada Negreiros viveu de 1893 a 1970. É, portanto, o artista do modernismo português que teve vida mais longa, fato que propiciou uma reflexão mais contínua amadurecida sobre as questões sócio-culturais e estéticas enunciadas pela geração de Orpheu. Essa atividade reflexiva desenvolveu-se numa obra relativamente vasta e bastante diversificada, constituída por poemas, contos, novelas, romance, teatro, manifestos, ensaios, crônicas, além de uma permanente produção nas artes plásticas.

Na obra literária de Almada, o que se destaca é o valor que dá à palavra, entendida como forma primordial de conhecimento, meio imprescindível para a partilha do mundo, para tecer considerações sobre o homem, a arte e o real em que se vive. Trata-se, portanto, de um autor crítico por excelência, que através de uma linguagem simples, beirando a ingenuidade, como defende, sem sofisticação de termos ou de construções, dirige seus olhos inconvenientes, "olhos de gigante", para o mundo moderno, refletindo principalmente sobre o lugar da arte e do artista nesse espaço em transformação: *Bem sei que sou menino / também que valho bastante,/ no meu corpo pequenino/ pôs Deus olhos de gigante.*²

¹ NEGREIROS, José de Almada. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 652

² idem, ibidem, p.159

Recusando-se a representar o papel de "escritor" como sujeito privilegiado, iluminado por Deus e cerceado por regras e convenções, Almada ressalta a originalidade, a autonomia de reflexão e renega esse tipo de escritor "funcionário público", assim como o crítico "vampiro da literatura", que sobrevive às custas da produção alheia, desestruturando-a de forma descompromissada. Não deve haver, segundo Almada, uma relação de dependência, de subordinação, entre autor e obra, entre artista entendido como iluminado e, portanto, superior e protagonistas do cotidiano, já que acredita que *"a arte só vale quando todos forem artistas / e não só os privilegiados"*.³ Nesse sentido, segue procurando na coletividade encontrar-se como sujeito, individualidade, capaz, entretanto, de representar multidões através da sua subjetividade:

apaga apaga
risca risca
não houve
nega nega
quando for eu digo
não te percas de vista
há uma cor que não vem nas cores
necessito de multidões para me encontrar
sozinho sou multidões.⁴

Essa crítica ao estado de subordinação e privilégio em que se encontrava a arte portuguesa antes do movimento modernista, fator que pode ser comprovado, por exemplo, pela famosa Questão Coimbrã, pode ser estendida ao plano social e político da época. Já estava mais do que na hora de Portugal deixar de olhar, narcisicamente, para o seu próprio umbigo e expandir esse olhar para o restante do mundo, sobretudo para a Europa, realidade mais próxima. No entanto, não era isso o que acontecia, em pleno século XX, passados mais de cinco séculos do momento da glória portuguesa. O "melancólico louvor da grandeza"⁵ de outrora precisava cessar para dar lugar a um novo canto, de construção do futuro, de esperança na capacidade de criação dos novos artistas.

³ ALMADA, 1997. p.242

⁴ idem, ibidem, p.245

⁵ VILLARDI, Raquel Marques. Os Lusíadas: O melancólico louvor da grandeza. *Estudos Universitários de Lingüística, Filologia e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Sociedade Brasileira de Língua e literatura, 1990. p. 365-373.

Mais do que voltar os olhos para a Europa, Portugal precisava sentir-se parte dela, com características próprias, nem melhores, nem piores, "todos iguais", ou ainda, individuais dentro de uma coletividade, conforme nos indica Almada, no poema *Volto à Leviandade*. Para Almada, o povo português necessitava, de virilidade, de coragem para arriscar, para construir, e mais uma vez ser moderno e grandioso, como o fora no século XV.

É o próprio escritor, em seu Manifesto da Exposição de Amadeo de Sousa-Cardoso, de 1916, intitulado *Primeira Descoberta de Portugal na Europa no século XX*, que nos adverte:

*A Raça Portuguesa não precisa reabilitar-se, como pretendem pensar os tradicionalistas desprevenidos; precisa é nascer prò século em que vive a Terra. A descoberta do Caminho Marítimo prà Índia já não nos pertence porque não participamos deste feito fisicamente e mais do que a Portugal este feito pertence ao século XV.*⁶

Nesse sentido é que entendia a saudade como elemento prejudicial à raça, pois continuar cantando as glórias passadas, numa tentativa de minimizar o sentimento de recalque, de descompasso em todos os níveis com o restante da Europa não podia mais ser a tônica da arte portuguesa, pois o "tempo faliu", e mais importante que reproduzir, tal qual um espelho, a imagem do Portugal quinhentista grandioso seria tomá-lo como modelo e à sua lição levar a diante o projeto de construção de uma nação e de uma cultura avançadas, capazes de produzir novas imagens do mundo, sem medo da transformação e da diferença. Recuperar, portanto, a experiência de modernidade vivenciada durante o período de navegações.

Vale citar mais uma vez, o poema *Volto à Leviandade*, para pensar essa questão:

*(...) o tempo faliu
e o espelho faliu à nascença
não era pr'a aquilo o espelho*

⁶ ALMADA, 1997, p. 647.

*pelo contrário
a imagem ficava fora
e dentro o modelo
o tempo ficava fora
sem tocar no modelo
com a imagem ficava o tempo de reflectir o molde
vingou-se bem o espelho
vingou-se logo à nascença
pôs o tempo fora do espelho
espelho reflecte tempo
e foi-se o modelo
ficou objeto de uso
apenas reflectir o tempo
sem saber especular
fez do tempo Tempo d'uso
e não tempo modelar
por isso faliu o tempo
e o espelho de se vingar
sabendo o uso que dava
antes de gente usar
vingança precipitada
que sabe adivinhar
mas quem adivinhava
vir do espelho
espelho espelho
o verbo especular
o verbo que tem a forma
da forma modelar.⁷*

Contudo, Portugal não soube “especular” e continuou ao longo dos tempos a refletir a imagem da grandiosidade e o tempo em que esta se constituía, ambos elementos externos ao modelo, que acabou ficando perdido. Assim, o espelho, metáfora da arte, “faliu à nascença”, na medida em que permaneceu atrelado a uma imagem e a

um tempo que lhe eram exteriores e, portanto, circunscritos a um momento histórico-cultural perdido. Ultrapassar este impasse seria possível somente através de uma atenção que deveria ser dispensada à habilidade de especular, ou seja, ao ato de tirar proveito de uma situação já concebida, conforme indica o étimo do referido verbo – do latim *speculare*, quer dizer, “observar

⁷ Almada, 1997, 243 / 244

de lugar alto, estar de sentinela; seguir com os olhos, considerar” – e, assim, saber criar, continuar a produzir novas imagens, indicar novos caminhos.

Em boa parte da sua obra poética e de seus textos em prosa, sobretudo nos manifestos e ensaios, Almada procurou sinalizar a necessidade, mais do que urgente, de se tentar deglutir, finalmente, esse momento histórico e cultural de grandes realizações portuguesas e se (re)inserir de maneira equilibrada no contexto político, econômico e, principalmente, cultural europeu. São inúmeros os momentos em que o autor nos chama a atenção para essa necessidade de Portugal acertar o passo com o restante da humanidade:

*Nós estamos precisamente no século XX. Há vinte e seis anos quase feitos que nós estamos em pleno século XX! Nós? Quem? Portugal? Não. Portugal não. Nós estamos com efeito no século XX apenas pelo fato de fazermos parte da humanidade actual, mas não pela razão de termos nascido em Portugal. Pois é justamente o conflito entre a nossa terra e a época em que viemos a este mundo que nos leva a mencionar a data e o lugar desta conferência.
A humanidade inteira, incluindo os Portugueses, está no século XX, contudo Portugal não está ao lado da humanidade actual.
(...) Portugal, que foi quem iniciou o mundo moderno, é o único país do Ocidente que não está à la page.⁸*

Assim, somente após uma espécie de antropofagia do que provocou a *ferida narcísica* portuguesa é que se tornaria possível recomeçar, recompor a “pele” nacional e tentar chegar ao mesmo ponto em que se encontravam as demais nações européias, não sobrevivendo de glórias passadas, mas traçando novas reflexões, novos horizontes para para o sujeito e para a arte na contemporaneidade.

A estratégia de antropofagia cultural, originalmente proposta pelo modernista Oswald de Andrade numa tentativa de demarcar a identidade nacional brasileira, em Portugal deveria ser aplicada em outra direção. Se, no Brasil, à época do Modernismo e ainda nos dias atuais havia necessidade de deglutir o que vinha de fora, o que se constituía como cultura importada, a fim de

⁸ ALMADA, 1997, p. 734 / 735 e 736

transformá-la no contexto nacional, entre os portugueses o caminho deveria ser outro: digerir uma cultura interna, estática e imobilizada pela auto-imagem de grandeza e glória.

Enquanto no Brasil a palavra de ordem proposta por Oswald de Andrade em seu *Manifesto Antropófago*, de 1928, era abandonar o caráter fronteiriço e suburbano que propiciava a importação de costumes, regras e tradições, apontando para a necessidade de se transformar permanentemente o Tabu em totem, o que seria possível somente através da antropofagia, desse ritual de deglutição do que vem de fora para adaptação apenas do que for útil à cultura nacional –

Contra todos os importadores de consciência enlatada.
(...)

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo para ganhar comissão.
(...)

Contra o mundo reversível e as idéias objetivadas.
(...)

Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.
*Contra a verdade dos povos missionários.*⁹

– em Portugal, a antropofagia aplicada enfrentaria o excesso de nacionalismo, alimentado por uma política fechada e acentuado por um certo complexo de superioridade anacrônico, que tornava o país alheio ao movimento do mundo moderno, preso às suas tradições, desconfiado de qualquer experiência de mudança e abertura ao exterior.

Com a geração de Orpheu, essa necessidade de contato com o Outro aflora e o próprio Almada, antropófago sem o saber, expressa-se a esse respeito, advertindo que, para ser universal, uma das condições da modernidade, não era preciso deixar de ser nacional, visto que a universalidade é uma atitude humana, particular e não nacional:

Toda modernidade nasce vanguarda. É universal. A modernidade é nacional, o que nada diz sem o universal.
(...)

⁹ ANDRADE, Oswald de. *Obras Completas*, vol. VI, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 14/15/16/17.

*Universal não é estatuto de nação nem de sociedade de todas as nações. Mas é atitude humana que não cabe senão em pessoa individual. Isto é o significado de portugueses.*¹⁰

É interessante observarmos que, embora sem terem mantido qualquer tipo de contato, as reflexões de Almada Negreiros e de Oswald de Andrade apontavam para a mesma direção: o projeto de definição da identidade cultural.

Nesse sentido, torna-se relevante, neste momento, lembrarmos da tão conhecida reflexão de Boaventura de Sousa Santos, desenvolvida em *Pela Mão de Alice*, a respeito de Portugal aceitar-se como país de fronteira, tendo desempenhado a função de centro, em relação às antigas colônias e ocupando, agora, o lugar de periferia frente ao restante da Europa:

*Durante séculos, a cultura portuguesa sentiu-se num centro porque tinha uma periferia (suas colônias). Hoje, sente-se na periferia apenas porque lhe é imposto ou recomendado um centro (a Europa). Para uma cultura que verdadeiramente nunca coube num espaço único, as identificações culturais que daí derivam tendem a autocanibalizar-se.*¹¹

Entender-se como país de forma cultural de fronteira e aproveitar-se disso seria a antropofagia de que Portugal necessita ainda hoje, visto que assumir-se como cultura de fronteira, e, portanto, sensível aos fluxos de influências que o atravessam constantemente, não é uma atitude negativa, em relação à identidade nacional própria. Ao contrário, pode se tornar um projeto positivo para a definição de uma cultura portuguesa no contexto europeu. Estar numa certa zona fronteiriça significa uma espécie de disponibilidade multicultural que, no caso de Portugal, aponta tanto para a América do Sul, como para a África e também para a Europa, propiciando, dessa maneira, uma forma cultural mais rica, justamente porque de permanente confronto, renovação e revisão de valores.

Almada Negreiros, com seus “olhos de gigante” observou, desde o início do século XX, a necessidade de Portugal universalizar-se, o quanto essa disponibilidade multicultural era

¹⁰ NEGREIROS, Almada, 1997, p. 1088.

¹¹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2001, p.153.

importante para a definição de uma identidade cultural portuguesa, daí a sua relevância, o seu valor como artista, como homem de palavras, mas o Portugal contemporâneo ainda não conseguiu efetivar essa disponibilidade, pela simples razão de não assumir que seu verdadeiro rosto não é somente europeu.